

Brasildade em cena no espetáculo artístico da Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016¹

Brazility on the scene at the artistic show at the Closing Ceremony of the Rio 2016 Olympic Games

La brasilidad en escena en el espectáculo artístico de la Ceremonia de Clausura de los Juegos Olímpicos de Río 2016

Recebido: 20/09/2022 | Revisado: 29/09/2022 | Aceitado: 30/09/2022 | Publicado: 08/10/2022

Bruno de Oliveira da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5811-0689>
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil
E-mail: portalbruno.oliveira@gmail.com

Luciano Torres Tricário

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3307-8229>
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil
E-mail: tricarico@univali.br

Yára Christina Cesário Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6502-1860>
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil
E-mail: yara@univali.br

Elloane Carinie Gomes e Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5163-6311>
Universidade Federal do Pará, Brasil
E-mail: elloane.carinie@gmail.com

Resumo

A primeira edição dos Jogos Olímpicos na América do Sul gerou diversos focos de investigações, dentre eles o segmento dos espetáculos artísticos, denominados como cerimônias de abertura e encerramento. Tais eventos são responsáveis pelas maiores audiências dentro do megaevento olímpico, e servem como estandartes identitários da nação-sede. Deste modo, o estudo visou decodificar simbologias da identidade nacional brasileira no espetáculo artístico da Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016, tendo como método a “Análise de Imagens em Movimento”, aqui alicerçado pela epistemologia da vertente semiótica peirceana. Fez-se uso de uma abordagem qualitativa de cunho exploratório e descritivo, com base em levantamentos bibliográfico e documental. Os resultados sinalizaram que a cerimônia de encerramento transitou pela arte brasileira em suas múltiplas formas, desde as pinturas e gravuras rupestres, as manualidades indígenas, as heranças culturais europeias, até chegar aos artistas contemporâneos como Roberto Burle Marx. O espetáculo detém ainda, uma maior abrangência de atributos da identidade nacional no segmento sonoro quando comparado com a cerimônia de abertura, incluindo ritmos musicais como marchinhas de carnaval, maxixe, xaxado, música indígena e clássica.

Palavras-chave: Identidade nacional; Jogos Olímpicos; Rio 2016; Cerimônia de encerramento; Espetáculo artístico.

Abstract

The first edition of the Olympic Games in South America raised several focuses of investigation, among them the segment of artistic shows, called opening and closing ceremonies. Those events are responsible for the largest audiences within the Olympic mega-event and serve as identity flag-bearers for the host nation. This study launched itself into decoding symbologies of Brazilian national identity in the artistic show of the Closing Ceremony of the Rio 2016 Olympic Games, through the lens of the “Moving Images Analysis” method based on the epistemology of the Peircean semiotics. An exploratory and descriptive qualitative approach was used, based on bibliographic and documental surveys. The results indicate that the closing ceremony traversed through Brazilian art in its multiple forms, from cave paintings and engravings, indigenous handicrafts, European cultural heritages, to contemporary artists such as Roberto Burle Marx. The show also has a greater range of attributes of national identity in the sound segment when compared to the opening ceremony, including musical rhythms such as carnival marches, maxixe, xaxado, indigenous tunes and classical music.

Keywords: National identity; Olympic Games; Rio 2016; Closing ceremony; Artistic show.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumen

La primera edición de los Juegos Olímpicos en Sudamérica generó varios focos de investigación, entre ellos el segmento de espectáculos artísticos, denominados ceremonias de apertura y clausura. Estos eventos son responsables de las audiencias más grandes dentro del megaevento olímpico y sirven como estándares de identidad para la nación anfitriona. De esta forma, el estudio tuvo como objetivo decodificar simbologías de la identidad nacional brasileña en el espectáculo artístico de la Ceremonia de Clausura de los Juegos Olímpicos de Río 2016, utilizando el método “Análisis de Imágenes en Movimiento”, aquí basado en la epistemología de la vertiente semiótica peirceana. Se utilizó un enfoque cualitativo de carácter exploratorio y descriptivo, a partir de levantamientos bibliográficos y documentales. Los resultados indican que la ceremonia de clausura transitó por el arte brasileño en sus múltiples formas, desde pinturas y grabados rupestres, artesanías indígenas, herencias culturales europeas, hasta artistas contemporáneos como Roberto Burle Marx. El espectáculo también tiene una mayor gama de atributos de identidad nacional en el segmento sonoro en comparación con la ceremonia de apertura, incluyendo ritmos musicales como marchas de carnaval, maxixe, xaxado, música indígena y clásica.

Palabras clave: Identidad nacional; Juegos Olímpicos; Río 2016; Ceremonia de clausura; Espectáculo artístico.

1. Introdução

Durante décadas, os Jogos Olímpicos acompanharam as revoluções tecnológicas proporcionadas pela globalização, inserindo o evento em uma era denominada por (Lipovetsky & Serroy, 2015, p. 27) como “transestética”. Deste modo, além de ampliar sua dimensão econômica, com impacto imagético, esportivo e turístico, também proporcionou ao mundo das artes um importante palco para execução de espetáculos cerimoniais, que atingiram proporções colossais (Silva et al., 2020), com públicos potenciais estimados em bilhões de pessoas no mundo (COI, 2017).

O evento detém o segmento das cerimônias como essencial elemento de difusão de imagens, afinal, para o pedagogo francês, barão Pierre de Coubertin, principal articulador da roupagem moderna dos jogos, o tema dos espetáculos é “de praxe um dos mais importantes” (Coubertin, 2015, p. 588), pois em sua visão, uma Olimpíada “deve distinguir-se de uma mera série de campeonatos mundiais especialmente pelas cerimônias”, já que elas trazem consigo uma “solenidade e um cerimonial que não podem ficar à margem do prestígio conferidos por seus títulos de nobreza” (Ibid, p. 588).

Por meio de uma ressignificação das tradições gregas inerentes ao evento, Pierre de Coubertin deu ênfase ao culto estético, propulsionando as artes por meio de seus símbolos como os aros olímpicos, e os espetáculos cerimoniais (Lattipongpun, 2010). Assim, os países-sede vêm se utilizando de tais eventos como estandartes de diferenciação cultural, mais especificamente de demarcações de identidade nacional, que por meio das distintas artes envolvidas na concepção das cerimônias, conseguem proporcionar imagens singulares, apresentações nacionalistas e também manifestações políticas (Silva et al., 2020).

O mesmo ocorreu com o Brasil, que conquistou o direito de sediar os maiores eventos esportivos do planeta durante a primeira década do século XXI, sendo a cidade do Rio de Janeiro eleita em 2009 como sede da XXXI Olimpíada da Era Moderna. Os jogos do Rio foram envoltos em um turbulento período de “crise financeira, econômica, política, social e ética” (Silva, 2019, p. 215), que resultou consecutivamente, em cortes orçamentários diretos aos segmentos das cerimônias de abertura e encerramento, que buscaram apresentar o país com suas riquezas naturais e culturais.

Deste modo, emergiu o estudo em questão, desenvolvido para completar um ciclo de pesquisas que envolveram a primeira edição dos Jogos Olímpicos na América do Sul, objetivando decodificar simbologias da identidade nacional brasileira no espetáculo artístico da Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016, tendo como método a “Análise de Imagens em Movimento” adaptado por (Silva, 2019) de (Rose, 2015), e aqui alicerçado pela epistemologia da vertente semiótica peirceana (Peirce, 2017). Fez-se uso de uma abordagem qualitativa de cunho exploratório e descriptivo, com base em levantamentos bibliográfico e documental.

2. Metodologia

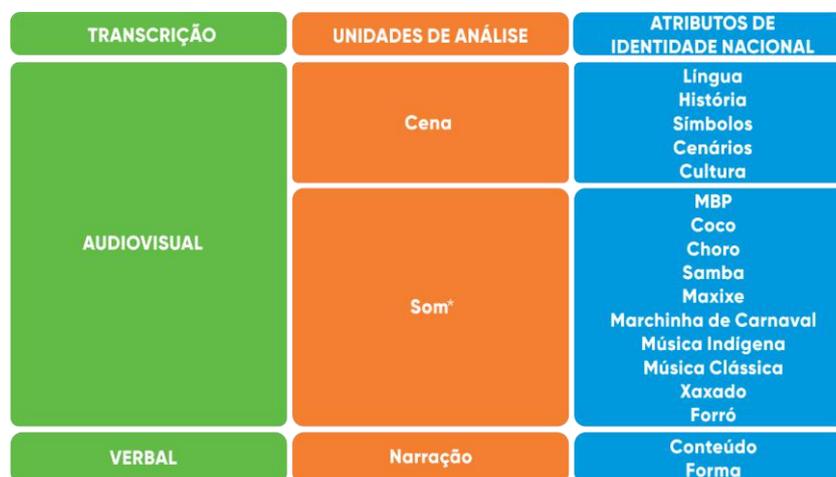
Este trabalho caracteriza-se como de natureza básica, abordagem qualitativa, alcances exploratório e descritivo conforme as conceitualizações de (Sampieri et al., 2013). Para realização do estudo foram necessários os seguintes procedimentos de coleta de dados: levantamentos bibliográfico e documental, pesquisado por artigos, dissertações, teses, reportagens, documentos escritos, visuais e audiovisuais que não receberam tratamento analítico. Para ampliar o contexto aqui abordado realizou-se um estudo de caso conforme os conceitos de (Yin, 2015) sobre o vídeo da Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

O objeto de análise foi capturado da transmissão no canal do Comitê Olímpico Internacional - COI na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube, intitulado “Tchau, Rio! Cerimônia de Encerramento Jogos Rio 2016 Completa”, com duração total de 2 horas, 53 minutos e 52 segundos. Após o processo de captura, o vídeo foi assistido completamente cinco vezes. Posteriormente o espetáculo foi segmentado com base no roteiro do “Media Guide Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016”, excluindo os seguintes tópicos: lançamento do Olympic Channel; cerimônia de premiação da maratona masculina; vídeo de melhores momentos; flag handover de Tokyo 2020; protocolos e discursos oficiais; por não conterem elementos significativos para a análise.

Com o detalhamento dos conteúdos, cada segmento foi visualizado repetidas vezes para melhor compreensão dos elementos apresentados. Por este estudo retratar com evidência produções audiovisuais como foco do método de pesquisa qualitativa, (Bauer & Gaskell, 2015, p. 138), afirmam que essa forma de registro não está isenta de problemas, ou acima da manipulação. Nos lembram ainda que devido ao fato de os acontecimentos do mundo real serem “tridimensionais e os meios visuais serem apenas bidimensionais, eles são, inevitavelmente, simplificações em escala secundária, dependente, reduzida das realidades que lhes deram origem” (Bauer & Gaskell, 2015, p. 138).

Fez-se uso no estudo, portanto, da vertente semiótica de (Peirce, 2017) como alicerce epistemológico ao método “Análise de Imagens em Movimento”, concebido pela Dra. Diana Rose sob a perspectiva da pesquisa qualitativa com materiais audiovisuais na obra “Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som, um Manual Prático” de (Bauer & Gaskell, 2015) e adaptado por (Silva, 2019), consistindo em duas etapas: transcrição e decodificação, ambas em dimensões audiovisual e verbal. Definiu-se, destarte, unidades de análise com atributos de identidade nacional, alicerçadas nos conceitos de elementos identitários citados por (Castells, 2018), (Hall, 2014) e (Yogeeswaran & Dasgupta, 2014).

Figura 1 - Unidades de Análise com Atributos de Identidade Nacional.



* Ritmos musicais identificados na cerimônia. Fonte: Adaptado de (Silva, 2019, p. 111).

Portanto, a Figura 1 apresenta o esquema das unidades de análise já adaptado com os diferentes ritmos musicais (em comparação com a cerimônia de abertura do evento, objeto da pesquisa referência), sendo que a primeira dimensão se refere à transcrição audiovisual e verbal (descrição do que ocorre e é narrado) e a segunda direcionada a decodificação de sentido, junto aos possíveis significados oriundos das simbologias apresentadas pelo espetáculo com base no pensamento da semiótica peirceana (Peirce, 2017) e seu estudo dos signos, buscando suas referências com informações exteriores advindas de documentos originados adjacente e posteriormente ao evento.

3. Revisão da Literatura

3.1 Brasilidade e Identidade Nacional

A identidade nacional é um tipo de identidade cultural, formada e transformada pela esfera política e intelectual do Estado-Nação (Ribeiro, 2011). No entendimento de culturas nacionais como “narrativas de nações”, (Hall, 2014, p. 52) escreve que elas produzem sentidos fornecendo uma série de elementos como “histórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam” ou “representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres, que dão sentido à nação”. Os aspectos linguísticos, étnicos, culturais e religiosos também desempenham um papel seminal no compêndio que circunscreve as identidades nacionais (Yogeeswaran & Dasgupta, 2014; Castells, 2018).

Nessa lógica, a ideia de “brasilidade” incide sobre disruptivas construções teóricas acerca da trajetória histórica, formação econômica e social e narrativas étnico-culturais que envolvem as noções de povo e nação. A complexa trajetória da identidade nacional começa com o primeiro relato literário e historiográfico do que viria a se tornar terra de Vera Cruz e posteriormente Brasil, sob cunho do escrivão Pero Vaz de Caminha em 1500. Popularmente conhecido como “A Carta de Pero Vaz de Caminha”, o documento registra o primeiro contato do homem branco com os indígenas Tupinikim na Bahia, oriundos da nação Tupi – pela visão dos portugueses, e não sob a visão dos nativos.

Inicialmente, o rei Dom Manuel preferiu chamar o território de “Terra de Vera Cruz”, em seguida de “Terra de Santa Cruz”; em 1503, o nome “Brasil” começou a surgir por lembrar do vil comércio e a seiva da planta chamada “Pau-Brasil” (Fausto, 2015). O início da colonização no território brasileiro foi lento, se efetivando a partir de 1530 com as capitânicas hereditárias. Durante os séculos XVI e XVII a sociedade brasileira começa a tomar forma por meio “agradoce”, misturando a produção de cana de açúcar com a escravidão, que se expandia pelo país, que recebeu ao todo mais de 40% dos africanos escravizados (Schwarcz & Starling, 2015). Ao longo dos séculos, houve ainda a extrema diminuição de populações indígenas atribuída ao genocídio, epidemias, guerras e ao persistente processo de vulnerabilização étnico-cultural.

No século XIX e início do século XX, o Brasil era uma nação em formação, mas que possuía um Estado (Pécaut, 1990). O fim do sistema escravista em 1888 e a ideia de desenvolvimento econômico - associado à modernização que se imiscuía no cenário brasileiro - são o ensejo para a construção das ideias de nação e identidade nacional, envoltas em indagações sobre a pluralidade do próprio povo, as quais reverberaram em teorias especulativas e ideológicas travestidas de cientificismo. Para (Comin, 2017), foram poucos os países do “Terceiro Mundo” que conseguiram se industrializar substancialmente e, com escassas exceções, muitos o fizeram ampliando as suas iniquidades, transitando ainda por crises econômicas e aberturas políticas que se tornaram decisivas no quadro de polarização atual em praticamente toda a América Latina, diversos países africanos e asiáticos.

Em síntese, nas décadas de 1900 a 1930 as obras de Euclides da Cunha (1866-1909), Lima Barreto (1881-1922) e entre outros simbolizavam o nacionalismo que invadia a cultura brasileira, tendo como marco da mutação em curso a Semana de Arte Moderna em 1922, que mesclava o cosmopolita e o nacional (centro dos debates políticos nas gerações subsequentes). O Manifesto Regionalista popularizado por Gilberto Freyre (1900-1987), a abrangência dos trabalhos de Mário de Andrade

(1893-1945), a “canonização” do discurso dos intelectuais por Plínio Salgado (1895-1975) e o “homem cordial” de Sérgio Buarque de Hollanda (1902-1982), balizaram os estereótipos das massas, a problemática da “mestiçagem”, os mitos unificadores, o imperativo nacional e o engajamento político no pensamento brasileiro dos anos de 1920 a 1940.

Nas últimas décadas, os estudos culturais têm se encarregado de acomodar as construções teóricas, científicas e ideológicas dos intelectuais acerca da identidade brasileira. O que significou, historicamente, representações do fenômeno político nos meandros de um projeto nacional; hoje busca teorias que comportem o vasto mosaico de grupos humanos que conformam o povo brasileiro. Desta forma, um importante caminho a ser trilhado se dará por meio do investimento em novas dialéticas, que provirão as artes, ciências humanas e sociais com novas formas de cognição.

3.2 Cerimônia de Encerramento Rio 2016

O momento final de celebração da XXXI Olimpíada da Era Moderna se deu por meio da Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016. A concepção deste espetáculo ocorreu simultaneamente com o da abertura do evento que foi dirigida por três diretores de televisão e cinema brasileiros: Andrucha Waddington (diretor criativo), Daniela Thomas (diretora criativa e diretora de arte) e Fernando Meirelles (diretor criativo). Junto a este time criativo esteve a “cenógrafa, figurinista, diretora de arte e professora, vencedora do Emmy com os figurinos criados para a Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, Rosa Magalhães” (Silva, 2019, p. 99), responsável pela cerimônia de encerramento.

O diretor musical Alê Siqueira e o diretor de cena Bryn Walters formaram com Magalhães o “time de criação” do evento (Rio 2016, 2016). O espetáculo foi produzido pela empresa Cerimônias Cariocas 2016², contratada por licitação pelo comitê organizador. Já o time executivo foi composto por Marco Balich (produtor executivo), Abel Gomes (executivo de criação) e Andrea Varnier (CEO Cerimônias Cariocas 2016). Diferentes profissionais foram agregados com o transcorrer da trajetória da organização ao time artístico, que contou com Andrea Vieira (cenógrafa e assistente de criação), Mauro Leite (figurinista e assistente de criação), Durham Marengi (diretor de iluminação), Christophe Berthonneau (pirotecnia), Batman Zavareze e Nuambé Caximingo (ambos diretores artísticos do conteúdo de projeção) (Rio 2016, 2016).

De acordo com a mensagem do time de criação no Media Guide da cerimônia de encerramento (Rio 2016, 2016, p. 07), o espetáculo foi elaborado como sendo “uma experiência viva e sensorial, que passeia pela arte brasileira em suas múltiplas formas”. Ressaltam ainda que o show faz o público realizar uma viagem no tempo, desde as marcas deixadas nas “paredes das cavernas” até chegarmos aos artistas da atualidade. Deste modo, objetivam que a festa sirva como “um espelho no qual o brasileiro possa se reconhecer como povo criativo, persistente e que sabe se reinventar”. Destacam ainda o “papel fundamental” da manifestação artística musical do país, “na tradução do que é a alma do nosso povo e suas múltiplas identidades culturais” (Rio 2016, 2016, p. 08).

Portanto, foi por meio da característica típica do Brasil, a “multiplicidade”, que o espetáculo foi pensado, esquematizado e por fim executado no maior palco do Rio de Janeiro, o estádio do Maracanã, que serviu como teatro colossal para o grande momento de despedida dos jogos Rio 2016. O evento ocorreu às 20 horas do dia 21 de agosto de 2016 sob chuva e fortes ventos, que não foram suficientes para cancelar a celebração da diversidade cultural brasileira e também do nosso teatro latino-americano, que se mostrou conforme salienta (Zapata, 2019, p. 262) correlacionado a uma tradição de “[...] postura idílica, ingênua, que associa identidade com uma mirada nostálgica e ancorada no passado”; mas destaca-se que o evento aqui estudado também inseriu novas intersecções e desfechos como veremos durante a análise.

² Resultado “da união com a agência brasileira de *brand experience* SRCOM com a 94 *holding* italiana de eventos Filmmaster” (Silva, 2019, p. 93-94).

4. Resultados e Discussão

Agora são apresentados os resultados da pesquisa com os segmentos da Cerimônia de Encerramento Rio 2016 analisados sobre a ótica da análise de Imagens em Movimento, método concebido pela Dra. Diana Rose e adaptado por (Silva, 2019).

Segmento 1 - Contagem Regressiva

O espetáculo é iniciado com um vídeo, nele são apresentadas imagens históricas pertencentes a uma coletânea do arquivo de Gaumont Pathé sobre Alberto Santos Dumont³ onde aparecem cenas de voos no 14Bis, em balões e tomadas aéreas da cidade do Rio de Janeiro, sendo finalizado com a exibição do inventor brasileiro. Na sequência ele é materializado por um ator, que observa o estádio do Maracanã do alto enquanto a assinatura de Santos Dumont é revelada no palco - gramado do estádio - que está coberto por uma tela branca por meio de uma projeção. De acordo com o (Media Guide, 2016, p. 10), “para que ele pudesse pilotar o seu avião e ver as horas ao mesmo tempo, foi homem pioneiro a usar o relógio de pulso”, confeccionado pelo amigo Louis Cartier, assim, o ator observa seu relógio indicando que o show irá começar.

A projeção exhibe o início da contagem regressiva formada por engrenagens de relógio, do número dez ao zero, sendo intercalados por contornos coloridos. O momento é embalado por um instrumental de “Odeon” do pianista e compositor brasileiro Ernesto Nazaré, tendo sua percussão concebida com tique-taques de relógios. O segmento é finalizado com a queima de fogos de artifício sobre o estádio, enquanto o último ângulo focalizado exhibe ao centro do Maracanã a Pira Olímpica Rio 2016, escultura cinética do artista plástico Anthony Howe que representa “um símbolo característico do Brasil, do Rio de Janeiro, de calor, verão e alegria: o Sol, uma das fontes de energia que o mundo necessita buscar” (Silva; Tricárico & Pereira, 2019, p. 565).

Portanto, percebem-se cinco dos atributos de identidade nacional apresentados no Figura 01 “Unidades de Análise de Identidade Nacional”:

- Cenários: representado pelo Rio de Janeiro visto do alto no vídeo inicial.
- História: apresentada pela importante trajetória inventiva de Alberto Santos Dumont.
- Língua: listada pelo português presente na narração da contagem regressiva.
- Símbolos: com a apresentação da Pira Olímpica Rio 2016 simbolizando o Sol.
- Maxixe: contemplado pelo instrumental de “Odeon” de Ernesto Nazaré.

Decodificação Verbal

A forma da narrativa é expressa pela entonação marcante, ritmo pausado, onde o discurso se prolonga. Isso se evidencia pelo fato de ser a narração de uma contagem regressiva do número 10 ao 1, que se estende por 27 segundos. O conteúdo apresenta que o espetáculo irá iniciar.

Segmento 2 - Voo Olímpico

Surgem imagens projetadas no palco, que exibem uma aproximação da paisagem costeira da cidade do Rio de Janeiro, representada sob o ponto de vista dos pássaros que também podem ser escutados no estádio, ou seja da fauna, criando um

³ Conforme o (Media Guide Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016, 2016, p. 10), ele é o “criador do avião com motor dirigível, inventou a navegação aérea, ao realizar o primeiro voo público com um avião capaz de decolar, voar, retornar e pousar com seus próprios meios, sem o auxílio de dispositivos externos. Por isso mesmo, é reconhecido como ‘Pai da Aviação’ e um grande inventor”.

contraponto com a cerimônia de abertura do megaevento que se dedicou à flora (os aros olímpicos foram formados pelos espelhos que continham as sementes plantadas pelos atletas, que quando abertos, revelaram uma vegetação florescendo do interior das torres (Silva; Tricárico & Pereira, 2019, p. 557). O conceito visual apresentado pelo vídeo projetado foi inspirado nos traços característicos nas obras da artista modernista brasileira Tarsila do Amaral.

O segmento apresenta a beleza e diversidade da fauna brasileira, materializada aqui por 206 voluntários vestidos como araras azuis. Com os movimentos coreográficos, os personagens formam elementos importantes da cidade carioca como o Cristo Redentor (Frame 1) Pão de Açúcar e os Arcos da Lapa, signos diretos da primeira paisagem cultural urbana declarada Patrimônio Mundial sob o título de “Rio de Janeiro, Paisagens Cariocas entre a Montanha e o Mar” (Unesco, 2022). Sob o palco de performance, inspirado nas curvas do calçadão de Copacabana, se encontram integrantes do grupo Barbatuques que de acordo com o (Media Guide, 2016, p. 12), “é referência em percussão corporal e canto coral dentro e fora do Brasil. Seus arranjos inusitados podem ser ouvidos na trilha do filme ‘Rio 2’”.

Figura 2 - Frames da Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016.



Fonte: Recorte dos autores. (Rio 2016, 2016).

Eles executam um mix de canções como “Baianá” do próprio grupo Barbatuques, “Dancin Days” do grupo vocal feminino As Frenéticas, e por fim uma versão da música “Beautiful Creatures” do filme “Rio 2” em inglês e francês durante a performance dos pássaros, que formam ainda a marca dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e encerram o segmento apresentando os aros olímpicos (Frame 2). Portanto, percebem-se quatro dos atributos de identidade nacional:

- Cenários: representados pelas paisagens do Rio de Janeiro apresentadas na projeção e seus pontos icônicos formados pelos pássaros.
- Língua: contemplada pelo português presente na execução das canções pelo grupo Barbatuques.
- Símbolos: representados pela formação da marca Rio 2016 e os aros olímpicos pela fauna brasileira.
- Coco: com o mix de canções do grupo Barbatuques.

Segmento 3 - Universo Carinhoso

O cerimonialista apresenta o presidente do Comitê Olímpico Internacional - COI, Thomas Bach ao som de uma versão instrumental de “Aquarela do Brasil” de Ary Barroso. Na sequência é focalizado no palco de performance o cantor Martinho da Vila, suas três filhas e uma neta; juntos cantam a música “Carinhoso” composta por Pixinguinha e João de Barro. O segmento conforme o (Media Guide, 2016, p. 14), é dedicado à música, reverenciando “grandes mestres, como Pixinguinha, Braguinha e Noel Rosa, todos da Vila Isabel”. Portanto, a escolha da família de Martinho, representa “três gerações de intérpretes da Vila, cantando uma quarta geração anterior e precursora não só do nosso samba e choro, mas da música popular brasileira como um todo”.

Posteriormente é executada uma versão de “As Pastorinhas” composta por João de Barro e Noel Rosa. Enquanto uma projeção do universo é lançada sobre o palco; um coral de 27 crianças ingressa até o centro, todas estão vestindo trajes com luzes brancas, cintilando como as “estrelinhas” interagindo com a letra da canção; o estádio é iluminado por tons frios de azul e os espectadores nas arquibancadas acendem as luzes dos celulares. Desta forma, percebem-se cinco dos atributos de identidade nacional:

- Língua: presente no português da narração cerimonial e das canções “Carinhoso” e “As Pastorinhas”.
- Cultura: ilustrada pela referência da escola de samba Unidos de Vila Isabel.
- Choro: entoado pela música “Carinhoso” composta por Pixinguinha e João de Barro.
- Samba: representado pelo instrumental de canção “Aquarela do Brasil” de Ary Barroso.
- Marchinha de carnaval: “As Pastorinhas” composta por João de Barro e Noel Rosa.

Decodificação Verbal

A forma da narrativa é marcada neste segmento pela entonação marcante, ritmo acelerado, visando o retorno da plateia. O conteúdo apresenta o presidente do COI, Thomas Bach campeão olímpico de Esgrima em 1976.

Segmento 4 - Hino e Bandeira Nacional

O segmento é iniciado com os cerimonialistas anunciando o hino nacional do Brasil sob o som instrumental da música “Com que Roupa?” de Noel Rosa. O coral de 27 crianças localizado no centro do palco inicia a execução vocal enquanto no palco protocolar músicos formam um “combo de ogans” com atabaques, executando “um vassy (um toque específico para Ogun)” (Pereira, 2016, s.p.) em um arranjo concebido para a ocasião, salientando a importância da matriz africana na construção histórica e cultural do Brasil. No centro do palco protocolar, a bandeira brasileira é segurada nos braços da tenista brasileira Maria Esther Bueno, que esteve entre as melhores mulheres neste esporte no mundo.

Ela entrega a bandeira ao Comando da Polícia Ambiental do Rio de Janeiro, que realiza o hasteamento da mesma forma como ocorreu na cerimônia de abertura. Centenas de partículas em cores verde, amarelo, azul e branco são disparadas por meio da projeção no palco enquanto as crianças do coral se redirecionam aos locais que acabam formando as 27 estrelas presentes na bandeira, que representam os 26 estados e o Distrito Federal. As partículas são unidas e formam a bandeira nacional tremulando no estádio. Com o término do hino, as crianças saem de cena e as partículas se dissolvem, deixando o palco vazio. Assim, percebem-se quatro dos atributos de identidade nacional:

- Língua: presente no português do hino nacional.
- Símbolos: representados pela bandeira nacional.
- Cultura: ilustrada pela execução do hino nacional com atabaques representando a matriz africana na cultura brasileira.
- Samba: entoado pelo som instrumental da música “Com que Roupa?” de Noel Rosa.

Decodificação Verbal

A forma da narrativa inicial é expressa pela entonação cerimonial, obedecendo a um ritmo pausado, para que o discurso seja devidamente pronunciado e compreendido. O conteúdo solicita aos espectadores que se levantem para a execução do hino nacional do Brasil.

Segmento 5 - Heróis dos Jogos

O novo segmento é iniciado com pássaros sobrevoando o palco por meio da projeção. Uma nova personagem adentra o estádio: Carmen Miranda (Frame 3) é representada pela cantora Roberta Sá que está caracterizada pelo estilo único da artista que projetou internacionalmente o Brasil nas rádios e nos cinemas a partir da década de 1930 (Kerber, 2006), “por meio de seus figurinos excêntricos e chapéus contendo frutas tropicais, ela era a personificação de um país carnavalesco, festivo, musical, alegre e sensual” (Perinotto et. al, 2021, p. 39). A cantora se dirige ao centro do palco e a projeção revela quatro pássaros voando em sua direção, eles são unidos e transformados em quatro contornos de Carmen Miranda que interagem com Roberta conforme ela se movimenta.

Essas imagens são transformadas em um caleidoscópio multicolorido de frutas e diferentes texturas que preenchem todo o palco (Frame 4). A “pequena notável” que de acordo com o (Media Guide, 2016, p. 16), “ajudou a construir a imagem do Brasil no exterior”, é invocada ao espetáculo para ser “a grande anfitriã” das 207 delegações. Roberta Sá canta a música “Tico-tico no Fubá” composta por Zequinha de Abreu e originalmente interpretada por Carmem Miranda. Os cerimonialistas apresentam as bandeiras das delegações que são conduzidas pelos porta-bandeiras de cada nação, sendo a Grécia a primeira a adentrar o estádio, acompanhada pelas demais enquanto um corredor é formado pela projeção.

Figura 3 - Frames da Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016.



Fonte: Recorte dos autores. (Rio 2016, 2016).

Na sequência são apresentados pelos cerimonialistas os atletas participantes dos jogos que desfilam sem separação por país, todos estão misturados no clima da festa que é conduzida por diferentes gêneros e ritmos musicais do Brasil como: frevos, cocos e cirandas pernambucanas, cânticos tradicionais indígenas, forró, marchinhas de carnaval, samba, choro e MPB. Durante todo o desfile das delegações, se apresentam no palco protocolar: DJ Dolores & Orchestra Santa Massa e DJ Mika Mutti. O segmento é encerrado com os cerimonialistas saudando os atletas da XXXI Olimpíada e fogos de artifício. Na sequência ocorre o lançamento do Olympic Channel, não abrangendo elementos pertinentes à análise. Deste modo, percebem-se quatro dos atributos de identidade nacional:

- Língua: presente no português nas músicas apresentadas.
- Símbolos: representados pela projeção dos pássaros e caleidoscópio e a figura de Carmen Miranda.
- Cultura: expressa pela tropicalização (de certa forma estereotipada) da cultura brasileira por Carmem Miranda com sua exuberância musical e imagética.
- Choro: representado pela canção “Tico-tico no Fubá” composta por Zequinha de Abreu e interpretada por Carmen Miranda.

Decodificação Verbal

A forma da narrativa do segmento apresenta em sua forma, entonação cerimonial marcante, caracterizada pela exclamação, seu ritmo altera-se no decorrer da mensagem, que em seu término visa obter a aclamação do público. O conteúdo apresenta que os as bandeiras das delegações e os “heróis” da XXXI Olimpíada adentrarão o estádio.

Segmento 6 - Arte do Povo

Este segmento objetiva homenagear o sentimento artístico que “domina o brasileiro desde os primórdios”, resultando na produção de “peças de inigualável beleza e que trazem a marca de nossa identidade cultural” (Rio 2016, 2016, p. 18). De acordo com o (Media Guide, 2016, p. 20), ocorre uma celebração do artista nacional “muitas vezes anônimo”, mas que “sempre deixa a marca de sua autoria na História”. Desta forma, uma mulher desbravadora caminha pelo palco do estádio com as luzes apagadas. Sons de animais são lançados enquanto a personagem move um lampião, direcionando o surgimento da projeção que simula uma textura de rocha em tons de amarelo e laranja. Imagens de mãos são reveladas e posteriormente transformadas em iconografias de animais (Frame 5).

A personagem referência a pesquisadora e arqueóloga brasileira Dra. Niède Guidon, responsável pela condução de estudos que culminaram na descoberta e preservação da arte rupestre no Parque Nacional da Serra da Capivara, localizado no estado brasileiro do Piauí, que consiste em “um registro gráfico de grupos humanos que viviam na região desde o Pleistoceno”⁴ (Pessis & Guidon, 2007, p. 407). O parque é considerado Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco desde de 1991, sendo o detentor de “um dos mais importantes sítios arqueológicos das Américas”⁵, onde rochas portam pinturas e gravuras rupestres com mais de 25.000 anos, que concretizam o “testemunho notável para uma das comunidades humanas mais antigas da América do Sul”⁶ (Unesco, 2022, s.p.).

Figura 4 - Frames da Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016.



Fonte: Recorte dos autores. (Rio 2016, 2016).

Com a projeção os desenhos ganham vida e se retiram do palco no mesmo momento em que um grupo do elenco da cerimônia adentra o estádio para realizar uma coreografia que representa conforme o (Media Guide, 2016, p. 21), os “diversos trançados livremente inspirados no repertório indígena” (Frame 6), assim como “diversas tramas geométricas, numa referência às formas utilizadas no trançado de fibras e palhas”. O segmento tem como trilha sonora a composição oriunda de um coral de crianças indígenas da etnia Guarani com “cânticos tradicionais para ‘Nhanderú’, considerado o Deus dos Guaranis” (Media Guide, 2016, p. 21). Após a saída de todas as pessoas do palco, a projeção revela a volta das iconografias dos animais

⁴ ‘Tradução livre’ do original: “The paintings are a graphic record of human groups living in the region since the Pleistocene”.

⁵ ‘Tradução livre’ do original: “one of the most important archaeological sites in the Americas”.

⁶ ‘Tradução livre’ do original: “They are an outstanding testimony to one of the oldest human communities of South America”.

caminhando, saltando e rastejando como um suposto réptil que se dirige ao centro quando as luzes avançam em sua direção e são apagadas. Assim, percebem-se seis dos atributos de identidade nacional:

- Língua: representada pelo guarani na composição do coral de crianças indígenas.
- História: percebida em função do conceito de transposição das pinturas e gravuras rupestres para a arte indígena.
- Símbolos: ilustrados pelas iconografias de animais das pinturas e gravuras rupestres, e trançado de fibras e palhas típicos das artes manuais dos indígenas brasileiros.
- Cenários: esboçados pela textura das rochas no Parque Nacional da Serra da Capivara que serviu como plano de fundo para o segmento.
- Cultura: expressa pela contribuição indígena à identidade cultural do Brasil.
- Música indígena: sonorizados pelos cânticos tradicionais para “Nhanderú”.

Segmento 7 - Momento Lembrança

O segmento inicia com o poema “Saudade” escrito e declamado pelo poeta, artista visual e compositor brasileiro Arnaldo Antunes, enquanto palavras são projetadas no palco. Diferentes traduções deste conceito singular da língua portuguesa são exibidas ligados à palavra original. O enredo de acordo com o (Media Guide, 2016, p. 22) está vinculado à memória das pessoas que não se fizeram presentes no megaevento, já que pela primeira vez na história dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, um local destinado ao luto com uma rocha advinda de Olímpia, esteve presente na vila dos atletas para que pudessem “vivenciar, de maneira especial e digna, o luto por aqueles que se foram”. Deste modo, percebe-se um dos atributos de identidade nacional:

- Língua: representada pelo português presente no poema “Saudade” de Arnaldo Antunes.

Segmento 8 - Tecendo a Renda

Com o decorrer do término do poema, uma mulher vestida com roupas brancas se encaminha ao centro do palco (Frame 7). Na sequência são reveladas dezenas de mulheres caminhando em movimento circular, elas usam vestidos azuis com detalhes brancos que representam rendas. Este segmento conforme o (Media Guide, 2016, p. 24), contempla mais uma “vertente dos fazeres brasileiros”, pois a renda de bilros é uma herança da cultura portuguesa que confere delicadeza e complexidade em sua concepção, que começou a ser pesquisada de forma sistemática por folcloristas como o historiador Luís da Câmara Cascudo (Kanitz & Sousa, 2017).

Figura 5 - Frames da Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016.



Fonte: Recorte dos autores. (Rio 2016, 2016).

O ofício tradicionalmente conectado às “mulheres das classes pobres, geralmente da orla marítima” (Ramos & Ramos, 1948. p. 31) inspirou diversas músicas, entre elas a: “Mulher Rendeira”, interpretada na cerimônia pelas Ganhadeiras de Itapuã que se apresentam no palco de performance, dando voz à contribuição da cultura negra na formação da identidade nacional. O elenco de mulheres forma um círculo em torno da personagem que se encontra no centro do palco entrelaçando os fios sobre um pique, assim, a renda produzida simbolicamente é tecida por meio da projeção (Frame 8), conectando todas as participantes, representando a força do trabalho coletivo. Deste modo, percebem-se cinco dos atributos de identidade nacional:

- Língua: representada pelo português presente música “Mulher Rendeira” popularmente creditada a Virgulino Ferreira da Silva, “Lampião”.
- História: apresentada com os processos herdados para a confecção de artefatos culturais como a renda de bilros.
- Símbolos: esboçados pela renda de bilros exibida na projeção e nos figurinos do elenco.
- Cultura: ilustrada na manifestação cultural herdada de Portugal e também pela contribuição da cultura negra na formação da identidade nacional.
- Xaxado: presente na música “Mulher Rendeira”.

Segmento 9 - Dando Vida ao Barro

No palco de performance surgem integrantes da companhia de dança contemporânea brasileira chamada Grupo Corpo, que iniciam o segmento com uma parte do espetáculo Parabelo, enquanto um novo elenco adentra o estádio - todas as pessoas caracterizadas como bonecos de barro -, aqui ocorre uma homenagem ao artista brasileiro Vitalino Pereira dos Santos, popularmente conhecido como Mestre Vitalino. A projeção em tons de vermelho e laranja revela um solo árido, típico do sertão nordestino. Com o término da apresentação é iniciada a canção “Asa Branca” de Luiz Gonzaga o “Rei do Baião”, fazendo com que os bonecos ganhem vida e iniciem uma dança (Frame 9).

Figura 6 - Frames da Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016.



Fonte: Recorte dos autores. (Rio 2016, 2016).

O elenco está caracterizado com os trajes de cangaceiros, referência direta ao Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião e também de Maria bonita (Frame 10). A celebração em torno do barro está ligada a uma tradição popular, onde conforme o (Media Guide, 2016, p. 27), “os artesãos brasileiros registram o cotidiano do povo, por meio da argila. De suas mãos nascem formas variadas, de objetos domésticos a figuras humanas de grande expressividade”. Portanto, percebem-se cinco dos atributos de identidade nacional:

- Língua: representada pelo português presente música “Asa Branca”.

- Símbolos: esboçados pelos bonecos de barro.
- Cenários: presentes na reprodução do solo árido, típico do sertão nordestino com a projeção.
- Cultura: apresentada por meio das danças do Grupo Corpo e também pela celebração do barro como matéria de diferentes artes manuais brasileiras.
- Forró: presente na música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga.

Segmento 10 - Melhores Momentos

Este segmento é apresentado por um vídeo com os melhores momentos da XXXI Olimpíada da Era Moderna, que é exibido nos telões do estádio, precedendo a realização da tradicional cerimônia de premiação da maratona masculina. A trilha sonora é “Bachianas Brasileiras n.º 5”, do compositor, maestro e músico Heitor Villa-Lobos, considerado de acordo com o (Media Guide, 2016, p. 28), ainda em vida como “o maior compositor erudito das Américas do séc. XX”, sendo um expoente “no fato de ter reformulado o conceito brasileiro de nacionalismo musical”. A inserção de Villa-Lobos no espetáculo é um complemento à cerimônia de abertura, na qual a música clássica nacional não havia sido contemplada em função de embates com o COI (Silva, 2019). Em vista disso, percebe-se um dos atributos de identidade nacional:

- Música clássica: representada pela música “Bachianas Brasileiras n.º 5”, de Heitor Villa-Lobos.

Segmento 11 - Homenagens Olímpicas

No palco protocolar, sob o som novamente da versão instrumental de “Aquarela do Brasil” de Ary Barroso inicia o segmento com a apresentação dos novos membros eleitos pelo COI para a Comissão de Atletas. Na sequência representantes dos voluntários olímpicos recebem flores como um ato simbólico de agradecimento. O cantor e compositor Lenine ganhador do Grammy Latino realizou uma versão de sua canção “Jack Soul Brasileiro” em reconhecimento aos voluntários, que se apresentam com ele no palco de performance. Na sequência ocorrem os atos protocolares de hasteamento da bandeira da Grécia; o arriamento da bandeira olímpica com a execução do hino olímpico entoado por crianças do Projeto More; e o anúncio do ato flag handover para Tóquio sob o som do afro-samba de Vinícius de Moraes e Baden Powell “Canto de Xangô”. A escolha foi realizada conforme o (Media Guide, 2016, p. 31) “porque a melodia é composta com uma escala idêntica à escala pentatônica japonesa”. O último ato é a execução do hino nacional do Japão e a apresentação performática do país. Deste modo, percebem-se três dos atributos de identidade nacional:

- Língua: presente no português do hino nacional e narração cerimonial.
- Samba: representado pelo instrumental de “Aquarela do Brasil” de Ary Barroso e “Canto de Xangô” de Vinícius de Moraes e Baden Powell.
- MPB: entoada pela canção “Jack Soul Brasileiro” de Lenine.

Decodificação Verbal

A forma da narrativa é expressa pela entonação marcante e ritmo pausado. O conteúdo apresenta os novos membros eleitos pelo COI para a Comissão de Atletas; uma homenagem aos voluntários dos jogos; o hasteamento da bandeira da Grécia, o arriamento da bandeira olímpica e sua passagem para a governadora Yuriko Koike de Tóquio, cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2020, e a execução do hino nacional do Japão.

Segmento 12 - A Arte de Burle Marx

Após os jogos serem declarados encerrados pelo presidente do COI, uma aquarela é projetada sobre o palco ao mesmo tempo que um novo elenco o adentra com diferentes figurinos inspirados em espécies da flora nacional, confeccionados pela Associação de Mulheres Empreendedoras do Brasil - AMEBRAS, que atua com a economia criativa do carnaval carioca. Neste momento é realizada uma homenagem ao artista e paisagista Roberto Burle Marx, integrante da vanguarda artística do país; que em conformidade com o (Media Guide, 2016, p. 36), teve o “uso de vegetação nativa brasileira e as formas sinuosas” como suas “marcas registradas de seu trabalho”, em vista disso, “a pesquisa de acervo da obra do artista contou com apoio do Escritório de Paisagismo Burle Marx”.

O segmento é embalado pela canção “Chovendo na Roseira” de Tom Jobim. O material de mídia salienta a série de coreografias realizadas pelo elenco em consonância com a projeção que remete “às plantas baixas dos projetos do artista”, transformando o estádio inicialmente em um de seus jardins (Frame 11); posteriormente o elenco também coreografa desenhos emblemáticos de Burle Marx como o calçadão de Copacabana. Pingos de chuva são simulados em um novo jardim que recebe tons frios de azul, assim como a iluminação do estádio. Surge em frente à pira olímpica destacada por seus raios dourados, a cantora e atriz brasileira Mariene de Castro que interpreta a canção “Pelo Tempo que Durar” de Marisa Monte e Adriana Calcanhoto.

Figura 7 - Frames da Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016.



Fonte: Recorte dos autores. (Rio 2016, 2016).

Lentamente, uma chuva cênica banha a artista e a pira, extinguindo assim, a chama dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Conforme o (Media Guide, 2016, p. 37), “a poesia do número é potencializada pela metáfora da chuva, que representa a abundância de águas tropicais de nossa Terra”. A canção aborda a mensagem da transformação, assim, a água “que apaga o fogo também é responsável pela renovação da vida”, como um ato simbólico, nasce uma árvore no jardim de Burle Marx, confeccionada pela técnica de tecelagem artesanal de macramê (Frame 12). Ocorre uma queima de fogos em torno do estádio e assim é finalizado o segmento. Deste modo, percebem-se cinco dos atributos de identidade nacional:

- Língua: presente no português na música “Pelo Tempo que Durar”.
- Símbolos: representados pelos figurinos inspirados em espécies da flora nacional; pira olímpica Rio 2016 como o “Sol”, símbolo de um país tropical e o nascimento da árvore confeccionada por macramê.
- Cenários: expressos nos traços formados pela coreografia do calçadão de Copacabana.
- Cultura: ilustrada pelas contribuições artísticas do artista e paisagista Roberto Burle Marx.
- MPB: apresentada pelas canções “Chovendo na Roseira” de Tom Jobim e “Pelo Tempo que Durar” de Marisa Monte e Adriana Calcanhoto.

Segmento 13 - Cidade Maravilhosa: A Marchinha que Virou Hino

O último segmento homenageia a cidade-sede dos jogos Rio de Janeiro e o carnaval que é “a principal festa popular do país, repleta de cores e sons” (Silva, 2019, p. 66). Os organizadores propuseram uma união entre o carnaval de rua e o majestoso espetáculo realizado na Marquês de Sapucaí, embalado inicialmente por seis intérpretes do samba no palco de performance, acompanhados com uma bateria composta por 12 percussionistas sob o comando do Mestre Paulinho, que executam a canção “Cidade Maravilhosa”, hino da cidade carioca, cujo gênero musical “marchinha de carnaval” foi originado de acordo com o (Media Guide, 2016, p. 38) “a partir da cadência da marcha portuguesa”, remetido desde o “final do século XIX”.

Depois é executada a canção “Cordão da Bola Preta” enquanto a atriz Leandra Leal adentra o estádio acompanhada por cinco casais de mestre-sala e porta-bandeira “prestando reverência à Tribuna de Honra” (Media Guide, 2016, p. 39). Na sequência diferentes marchinhas são apresentadas como “Me Dá Um Dinheiro Aí” de Moacyr Franco, “Mamãe Eu Quero” composta por Vicente Paiva e Jararaca, “Sassaricando” de Luís Antônio, Jota Júnior e Oldemar Magalhães, “É Hoje” de Didi e Mestrinho, entre outras. Embalados por esses enredos, a modelo Izabel Goulart e Renato Sorriso conhecido como Gari Sorriso - figura emblemática do carnaval carioca que abriu o segmento flag handover na cerimônia de encerramento dos jogos de Londres 2012 -, lideram o cortejo de 50 baianas e 200 passistas durante um desfile no estádio.

Figura 8 - Frames da Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016.



Fonte: Recorte dos autores. (Rio 2016, 2016).

Na sequência, um carro alegórico contendo 12 Rainhas do Carnaval e dois destaques adentra o estádio (Frame 13), enquanto os atletas presentes são convidados para o desfile. Com a canção “Aquarela Brasileira” de Roberta Sá, confetes são lançados no ar junto com o último espetáculo pirotécnico sob o Maracanã que emoldura diferentes formas entre corações (Frame 14) e flores. Após o término da queima de fogos outras músicas são tocadas, no mesmo tempo em que a transmissão é encerrada com o público formado por espectadores e atletas ainda em festa no estádio. Assim, percebem-se seis dos atributos de identidade nacional:

- Língua: presente no português nas músicas apresentadas.
- Símbolos: representados pela simbologia do carnaval brasileiro, corações e flores no espetáculo pirotécnico.
- Cenários: esboçado por uma representação de desfile carnavalesco tal como no Sambódromo da Marquês de Sapucaí.
- Cultura: decorrente da homenagem a diferentes escolas de samba e seus mestres-salas e porta-bandeiras.
- Marchinha de carnaval: sonorizadas pelas diferentes composições como “Me Dá Um Dinheiro Aí”, “Mamãe Eu Quero”, “Sassaricando” e “É Hoje”.
- Samba: apresentado pelo samba-enredo do desfile final.

5. Considerações Finais

O estudo em questão atingiu o objetivo proposto ao decodificar simbologias da identidade nacional brasileira no espetáculo artístico da Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016, por meio do método “Análise de Imagens em Movimento” adaptado por (Silva, 2019) de (Rose, 2015), e alicerçado pela epistemologia da vertente semiótica peirceana (Peirce, 2017). Destaca-se que o método atua como ferramenta “para expressar opiniões, emoções e dar significados a simbologias que compõem a identidade de uma nação” (Silva, Pereira & Tricárico, 2021, p. 250).

A decodificação das simbologias, por meio de imagens em movimento torna possível a percepção de quem somos e como expressamos nossos sentimentos. Evidenciam a beleza estética tanto das imagens, quanto dos signos reconstruindo em nossa memória cognitiva e afetiva, relações com a representação de outras pessoas, de uma comunidade, podendo ser compreendida como “narrativa da nação” e possibilitando assim, a “leitura de discursos socioculturais” (Silva, Pereira & Tricárico, 2021, p. 250).

A transcrição audiovisual e verbal; a decodificação de sentido; os significados oriundos das simbologias e a análise dos atributos de identidade nacional, tais como: a história, os símbolos, os cenários, a língua e as diferentes culturas deste país continental chamado Brasil, conectou e encantou participantes presentes no espetáculo ou não; evidenciou a beleza da arte brasileira em suas múltiplas formas; ressaltou o respeito às diferenças, à cultura da rua, às vozes da favela, à injustiça social e desvelou a capacidade do Brasil em organizar megaespetáculos artísticos no âmbito internacional.

Nesse ínterim, buscar atributos da identidade nacional brasileira em uma cerimônia de tradição colossal situada nesta era “transestética” como bem teorizam (Lipovetsky & Serroy, 2015, p. 27), evidencia como esse modelo de evento se tornou uma nova dialética, dentro dos estudos culturais, para as representações de elementos identitários e aponta uma nova forma de cognição para as relações entre povo e nação. É sabido que no contexto de identidade nacional, os planos cultural e político são indissociáveis, não obstante, a interpretação e legitimação de seus elementos têm sido disputadas em um longo processo de construção da “brasilidade”.

No entanto, quando se nota um mosaico que apresenta de Tarsila do Amaral às mulheres rendeiras, de Heitor Villa-Lobos à Marchinha de Carnaval e de Carmem Miranda aos indígenas da etnia Guarani entoando cânticos tradicionais, é possível vislumbrar um caminho que comporte as múltiplas formas e distintas identidades que construíram o Brasil não apenas como Estado, mas como Sociedade, e mais, uma “Sociedade Plural”, onde a nossa maior riqueza é encontrada na celebração das diferenças, como bem pontuou Regina Casé durante sua fala na cerimônia de abertura do evento (Rio 2016, 2016).

Por fim, o que chama a atenção de forma particular é como os elementos associados ao “povo” têm uma dimensão coletiva mais clarividente do que a “nação” em si, mostrando que o fortalecimento de qualquer forma de identidade parte do fortalecimento do povo-território, se assim não o for, qualquer tentativa de consagração de uma identidade nacional é facilmente fragmentada. Os elementos que constituem o povo escapam às tentativas históricas de forjamento, pois eles falam por si.

Infere-se em suma, que o método de análise aqui utilizado, pode ser replicado em outros megaespetáculos vinculados à megaeventos esportivos ou que detenham outros cunhos, como uma alternativa em abordagem qualitativa de pesquisa, a ser empregada em áreas da linguística, letras e artes e demais ciências humanas e sociais, como possibilidade de interpretar signos e sentimentos de discursos individuais e coletivos para o entendimento do ser humano que se humaniza nas relações sociais, históricas e culturais.

É importante dizer que o método de análise utilizado na pesquisa seguiu contornos teórico-metodológicos próprios para o estudo de megaespetáculos, vinculados à megaeventos esportivos, a partir da apreensão de dados documentais e visuais como testemunhos de uma construção identitária. É preciso, no entanto, reconhecer a complexidade dessa questão, visto que a

leitura ou *compreensão* do fato social que é a “brasilidade” requer uma observação dentro de suas próprias perspectivas, ou seja, o tecido artístico observado dialoga com seu público, sendo necessária a contextualização de discursos dos atores sociais envolvidos para subsidiar melhor a compreensão de identidade. Recomenda-se, assim, a realização de entrevistas semi-estruturadas como estratégia de objetivação do objeto (construção) para conectá-lo ao tecido social que o envolve e no processo de verificação de hipóteses construídas nas futuras pesquisas.

Por fim, esse texto se ocupa de uma alternativa para a abordagem qualitativa de pesquisa como possibilidade de interpretar signos em tecidos artísticos para o entendimento do ser humano espelhado em discursos sociais, históricos e culturais. Entende-se que a arte é um instrumento que dialoga com a ciência e permite compreender as experiências geracionais de nossas sociedades. É nesse entre-lugar (arte e ciência), que outras pesquisas podem ser pensadas: a ideia de brasilidade no passado e no presente como possibilidade de gestar um futuro sustentável em suas diferentes dimensões ou a relação (des)confortável entre público e privado, discursos individuais e coletivos a partir de experiências ético-estético-política-afetivas que perpassam os megaespectáculos. Tais pesquisas podem fornecer subsídios para a adoção de políticas públicas em diversos campos de conhecimento, sobretudo, na formação e capacitação de pesquisadores e profissionais das artes visuais cuja tarefa se estende à conscientização das sociedades para a importância das artes nos processos sociais e nas experiências vivenciadas no mundo.

Referências

- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (Orgs). (2015). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático*. Petrópolis: Vozes.
- Castells, M. (2018). *O Poder da Identidade (Vol. 2 A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura)*. São Paulo: Paz & Terra.
- Comitê Olímpico Internacional. 2017. *Global Broadcast and Audience Report: Olympic Games Rio 2016*. https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Games/Summer-Games/Games-Rio-2016-Olympic-Games/Media-Guide-for-Rio-2016/Global-Broadcast-and-Audience-Report-Rio-2016.pdf#_ga=2.228054621.1950544600.1525838279.1626902259.1522870456.
- Comin, A. A. (2017). O futuro Não é Mais o que Costumava Ser: a Crise Brasileira em Perspectiva Internacional. *Novos Estudos*, São Paulo, 59-70. <https://novosestudos.com.br/wp-content/uploads/2017/06/O-FUTURO-N%C3%83O-%C3%89-MAIS-O-QUE-COSTUMAVA-SER-Alvaro-A.-Comin.pdf>.
- Coubertin, P. (2015). *Olimpismo: Seleção de Textos*. Lausanne: Comitê Internacional Pierre de Coubertin. <http://coubertin.org/docs/PdC-Olimpismo.pdf>.
- Fausto, B. (2015). *História do Brasil*. São Paulo: Edusp.
- Hall, S. (2014). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Kanitz, H. G., & Sousa, G. V. (2017). O Uso das Rendas de Bilros como Elemento da Identidade Cultural para Fomentar o Turismo em Ilha Grande, Piauí, Brasil. *International Journal of Scientific Management and Tourism*, 3(03), 313-332.
- Kerber, A. (2006). Carmen Miranda entre Representações da Identidade Nacional e de Identidades Regionais. *Artcultura*, 7(10), 121-132. <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1288>.
- Lattipongpun, W. (2010). The Origins of the Olympic Games' Opening and Closing Ceremonies: Artistic Creativity and Communication. *Intercultural Communication Studies*, 19(01), 103-120.
- Lipovetsky, G., & Serroy, J. (2015). *A Estetização do Mundo: Viver na Era do Capitalismo Artista*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pécaut, D. (1990). *Os Intelectuais e a Política no Brasil: Entre o Povo e a Nação*. São Paulo: Editora Ática.
- Peirce, C. S. (2017). *Semiótica*. São Paulo. Editora Perspectiva.
- Pereira, M. (2016). *Rio 2016: Batuque no Hino Nacional reafirma identidade afro-brasileira*. <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2016/08/22/rio-2016-batuque-no-hino-nacional-reafirma-identidade-afro-brasileira-249746.php>.
- Perinotto, A. R. C. et al. (2021). The Influence of Cinema in the Formation of Brazil's Image Abroad. *Anagramas Rumbos y Sentidos de la Comunicación*, 20(39), 33-55. <https://doi.org/10.22395/angr.v19n39a2>.
- Pessis, A., Guidon, N. (2007). Serra da Capivara National Park, Brazil: cultural heritage and society. *World Archaeology*, 39(03), 406-416. <http://dx.doi.org/10.1080/00438240701504676>.
- Ramos, A., & Ramos, L. (1948), *A Renda de Bilros e sua Aculturação no Brasil*. Rio de Janeiro: Publicações de Etnografia e Etnologia.

Ribeiro, A. M. (2011). Darcy Ribeiro e o Enigma Brasil: um Exercício de Descolonização Epistemológica. *Sociedade e Estado - Dossiê: Pensamento Social Brasileiro e Latinoamericano*, 26(02). <https://doi.org/10.1590/S0102-69922011000200003>.

Rio 2016. (2016). *Media Guide Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016*. Rio de Janeiro: Comitê Organizador Rio 2016.

Rose, D. (2015). Análise de Imagens em Movimento. In: Bauer, M. W., Gaskell, G. (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático*. Petrópolis: Vozes. Cap. 14. 343-364.

Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. Porto Alegre: Penso.

Schwarcz, L. M., & Starling, H. M. (2015). *Brasil: Uma Biografia - Com Novo Pós-escrito*. São Paulo: Companhia das Letras.

Silva, B. O. *Arte e Encantamento no Desvelar Simbólico da Identidade Nacional na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016*. (2019). Dissertação (Mestrado) - Curso de Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, Balneário Camboriú. <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.13911.29604/3>.

Silva, B. O., Pereira, Y. C. C., & Tricárico, L. T. (2021). *Análise de Imagens em Movimento como Método de Pesquisa Qualitativa com Mídias Audiovisuais*. In: Livro de Resumos 2021 - XX Seminário de Iniciação Científica e IX Mostra Científica de Integração Pós-Graduação e Graduação. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí - Univali. https://www.researchgate.net/publication/355199055_Analise_de_Imagens_em_Movimento_como_Metodo_de_Pesquisa_Qualitativa_com_Midias_Audiovisuais.

Silva, B. O., Pereira, Y. C. C., & Tricárico, L. T. (2020). A Espetacularização de Identidades Nacionais em Cerimônias de Abertura dos Jogos Olímpicos. *Comunicação & Informação*, 23(01), 01-21. <http://dx.doi.org/10.5216/ci.v23.66239>.

Silva, B. O., Pereira, Y. C. C., & Tricárico, L. T. (2019). O Desvelar Simbólico da Identidade Nacional na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. *Razón y Palabra*, 23(105), 503-584. <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/1586>.

Unesco. (2022). *Rio de Janeiro: Carioca Landscapes Between the Mountain and the Sea*. <https://whc.unesco.org/en/list/1100>.

Unesco. (2022). *Serra da Capivara National Park*. <https://whc.unesco.org/en/list/606/#:~:text=Many%20of%20the%20numerous%20rock,human%20communities%20of%20South%20America>.

Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Yogeeswaran, K., & Dasgupta, N. (2014). Conceptions of National Identity in a Globalised World: Antecedents and Consequences. *European Review Of Social Psychology*, 25(01), 189-227. <https://doi.org/10.1080/10463283.2014.972081>.

Zapata, M. (2019). O teatro e nossa América. *Urdimento*, 1(22), 259-266. <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101222014259>.

Filmografia

Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Direção de Andrucha Waddington, Daniela Thomas & Fernando Meirelles. International Olympic Committee, 2016. (249 min.), son., color. https://www.youtube.com/watch?v=N_qXm9HY9Ro&t=1597s.

Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Direção de Rosa Magalhães. International Olympic Committee, 2016. (173 min.), son., color. <https://www.youtube.com/watch?v=ssc5eLjLoMQ&t=155s>.